

Jean-Louis Laville (2009. n. 84)

A economia solidária: Um movimento internacional (p. 7-47)

O artigo mostra como em diferentes contextos nacionais e continentais se gerou um movimento de economia solidária. A diversidade de práticas no seio da sociedade civil local e internacional merece ser sublinhada. Esta geração de iniciativas, simultaneamente políticas e econômicas surgidas nas últimas décadas, prolonga e renova a economia social, oferecendo, assim, propostas concretas para uma outra economia, num período de crise capitalista. Como tal, não pode ser ignorada na busca de um modelo económico e de uma acção pública renovada.

Pedro Hespanha

Da expansão dos mercados à metamorfose das economias populares (p. 49-63)

Reconhecendo a existência, neste contexto de crise, de uma insatisfação generalizada perante um sistema económico e social cego perante as desigualdades sociais, insensível aos efeitos sociais da competição desenfreada e complacente com a delapidação dos recursos não renováveis, o artigo reflecte sobre a persistência de formas económicas distintas do sistema capitalista que com ele coexistem bem como sobre a emergência de movimentos e práticas sociais de resistência à lógica deste sistema, como é o caso das iniciativas de economia solidária, interrogando-se sobre o modo como elas podem servir de fundamento para uma mudança profunda de paradigma e, assim, contribuir para um sistema mais justo e capaz de adequar os recursos às necessidades e de maximizar o bem-estar humano e social.

Rui Namorado

Para uma economia solidária – a partir do caso português (p. 65-80)

Na conjuntura actual, a economia solidária deve ser encarada como uma expressão sinónima de economia social. Funciona dentro do capitalismo, embora obedeça a uma lógica distinta da lógica capitalista. Por isso, a economia solidária não deve alhear-se dos movimentos e dinâmicas sociais que reflectam qualquer tipo de resistência ou de alternatividade à lógica capitalista, principalmente em virtude das naturais sinergias que com eles podem ser suscitadas.

A economia solidária tem vocação para responder com celeridade a estímulos próximos, mas incorpora sempre uma energia futurante. O seu enraizamento territorial faz dela um dos parceiros mais críveis nos processos de desenvolvimento local, a sua identidade projecta-a universalmente.

Luiz Inácio Gaiger

Antecedentes e expressões actuais da economia solidária (p. 81-99)

O artigo examina as novas formas de organização e mobilização coletivas, atualmente observadas em escala global e associadas ao conceito de economia solidária. Apresenta suas singularidades e fundamentos comuns, comparando realidades e designações que demarcam antecedentes históricos da economia solidária ou gravitam em torno das práticas atuais de solidariedade, como a economia social e o Terceiro setor. A análise considera as modalidades de ação correspondentes, em sua gênese e em suas orientações normativas, e destaca sua aptidão a preservarem a natureza plural da atividade econômica, em contraposição à racionalidade do mercado e da acumulação privada. Elas respondem a necessidades materiais e expressam uma rejeição da sociabilidade intrínseca à economia capitalista.

Jordi Estivill

Espacios públicos y privados. Construyendo diálogos en torno a la economía solidaria (p. 101-113)

La economía solidaria, concepto emergente e itinerante, necesita de diálogos que ayuden a delimitarlo y a precisar sus contenidos. En este artículo, tomando como referencia las aportaciones de Jean-Louis Laville, se reflexiona sobre los espacios económico, doméstico, mercantil, público y solidario. Proponemos también plantear que a partir de una revisión de la historia de la economía solidaria en los países periféricos y mediterráneos de Europa, se pone en evidencia un itinerario que no correspondería con el caso francés, sino que más bien se acercaría al latinoamericano.

José Portela

A economia ou é solidária ou é fratricida (p. 115-152)

O texto pensa a noção de economia solidária a partir do chão. Começa-se por atentar em duas ONG de utilidade pública (ANDC, Comunidade Vida e Paz), cuja ação e economia se cruzam com quatro microempreendedores e suas unidades, todos muito distintos entre si: dois pequenos negócios são geridos por mulheres e outros dois por homens, um deles imigrante. De seguida, indutivamente, aprofunda-se a reflexão com base em duas vertentes: tanto as solidariedades observadas no meio familiar e sociopolítico dos microempreendedores quanto as economias vigentes nas suas unidades e nas ONG que os apoiaram. Conclui-se que a solidariedade é uma noção plural (altruísta, familista, associativa e estatal) e que a economia ou é "economia política", como sucedeu à sua nascença, ou é uma noção ideológica que nega a vida e as pessoas *in loco e in terra mundi*. Isto é, a economia ou é solidária ou é fratricida.

Marília Veríssimo Veronese

Subjectividade, trabalho e economia solidária (p. 153-167)

O artigo relaciona os processos de subjetivação, entendidos como processos sempre relacionais e geradores de formas de sociabilidade diversas, com o trabalho na economia solidária. Inicialmente, discute-se a articulação teórica entre subjetividade e atividade laboral. Em seguida, a dificuldade de construir a autogestão baseada na autoridade compartilhada é problematizada, com base em dados empíricos recentemente coletados junto a empreendimentos econômicos solidários (EES) de diversos segmentos e portes, no estado do rio Grande do sul, Brasil.

Sílvia Ferreira

A invenção estratégica do terceiro sector como estrutura de observação mútua: Uma abordagem histórico-conceitual (p. 169-192)

Este texto analisa o campo discursivo do terceiro sector e os seus actores sociais

a partir da articulação teórica entre a abordagem relacional estratégica, a teoria dos sistemas complexos autopoiéticos e a cibernética. Centrando-se no conceito de observação, o texto desenvolve-se em quatro argumentos sobre o terceiro sector. Primeiro, é um "campo discursivo", onde discursos e práticas reflectem e moldam as selectividades estruturais e as estratégias dos actores. Segundo, é uma categoria relacional, sendo construído através de um conjunto de relações que se estabelecem entre diferentes modos de organização das relações sociais. Terceiro, é contextual, sendo moldado pelas configurações espaço-temporais das sociedades em que se constitui e das condições concretas em que se dá a transição do fordismo para o pós-fordismo. Quarto, a semântica do terceiro sector e as organizações e interacções que o povoam põem em interacção relações sociais típicas dos diferentes modos de coordenação ou diferentes subsistemas, permitindo a observação mútua.

## Recensões